

O Banco Central (BC) indicou ontem, em seu relatório trimestral de inflação, que a taxa de juros básica da economia deve permanecer em 11% ao ano até 2015. Para este ano, o BC apostou num crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) mais baixo, de 1,6%, com inflação mais alta, de 6,4%, próxima ao teto da meta fixada pelo governo, de 6,5%. Para 2015, o cenário é de retomada da atividade e de inflação mais baixa.

O BC diz haver uma resistência à desaceleração da inflação, mas afirma que o ciclo de alta que culminou nos atuais 11% ainda surtirá efeito, com a apostila de que a inflação baixará em 2015 e 2016. A autoridade monetária estima que o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) deve ficar em 5,7% no ano que vem e em 5,1% nos 12 meses encerrados no primeiro semestre de 2016.

Ontem, o diretor de Política Econômica do BC, Carlos Hamilton Araújo, disse que os aumentos feitos na Selic ainda continuarão surtindo efeito na inflação entre o fim deste ano e o início de 2015.

“O Comitê antecipa cenário que contempla inflação resistente nos próximos trimestres, mas, que, mantidas as condições monetárias, tende a entrar em trajetória de convergência para a meta nos trimestres finais do horizonte de projeção”, afirma um trecho do relatório do BC.

Para analistas de mercado, a supressão da expressão “neste momento” no relatório, diferentemente dos anteriores, indica a manutenção da taxa por um período mais longo.

O Banco Bradesco, em análise enviada a seus clientes, afirmou que a percepção é de que o juro deve ficar inalterado por um “período prolongado” e que o BC “sugere sua disposição em sustentar a taxa em 11% até o fim de 2015”. A taxa em 11% até o fim de 2015 “deverá garantir a convergência da inflação para a meta de 4,5%”, afirma o banco.

O economista-chefe do Itaú, Ilan Goldfajn, em análise enviada a clientes, afirma que o cenário traçado pelo BC, de convergência da inflação para a meta, tem respaldo nas projeções da autoridade monetária que mostram o recuo da alta de preços, especialmente no primeiro semestre de 2016. No entanto, apesar do relatório do Banco Central, o Itaú manteve a estimativa de aumento de um ponto percentual na Selic em 2015, para 12% ao ano.

Para o economista da Gradual Investimentos André Perfeito, o Banco Central deve manter as taxas de juros em 2014. No entanto, Perfeito enxerga um viés de baixa

# Longo tempo sem mexer nos juros

Em seu relatório trimestral de inflação, BC indica manutenção da Selic em 11% ao ano até 2015. E, para 2014, revisa a atividade para baixo, e a inflação para cima

Divulgação



Indústria: relatório do BC revisou a projeção de crescimento do segmento, de 1,5% em 2014, para uma retração de 0,4%

**Para analistas, a inflação em 2015 deve ser pressionada pelos preços administrados e pode receber impacto de uma eventual desvalorização do real, a depender da economia dos EUA**

no ano que vem. “A inflação já está dando sinais de queda e deixará de ser um problema”, afirmou o economista.

## Preços administrados e câmbio

A economista do Santander Tatiana Pinheiro diz que a mensagem do BC, para o curto prazo, até o fim de 2014, é que o atual patamar de juros é suficiente para fazer a inflação convergir à meta. “Não há espaço para alta por causa da atividade, nem espaço para corte por causa da inflação”, afirmou. Para 2015, Tatiana diz que os reajustes dos preços adminis-

trados, como energia, combustíveis e transportes públicos, podem ser um fator de preocupação à política monetária. No relatório, o BC aumentou a estimativa para os preços administrados de 5% para 6% no ano que vem, enquanto a projeção do Santander é de 9%. O banco apostou em aumento da Selic até o fim de 2015, para 12,5% ao ano.

Para a economista Margarida Gutierrez, professora da Coppead e integrante do Grupo de Conjuntura da UFRJ, a manutenção dos juros em 2015 vai depender muito do comportamento do dólar, além dos preços administrados.

“As pressões exercidas pelo câmbio e pelos administrados são inógnitas em 2015”, disse.

Na sua avaliação, se o novo governo que assumirá em 2015 resolver reajustar os preços represados dos administrados de uma vez só, o efeito será de um novo ciclo de alta. “Se o novo governo resolver fazer aos poucos, isso já muda”, disse a economista. O câmbio dependerá bastante da política monetária e do comportamento da economia Estados Unidos.

“Se houver aumento nos juros americanos, o real deve sofrer desvalorização, com impactos sobre a inflação e o BC será levado a au-